

ESPECIAL

BALANÇO FINAL
De frente, os terapeutas Jorgo Bergallo, Carlos Zuma e José Guilherme de Oliveira reúnem-se com agressores

>> Alarmante

425mil

mulheres recorrem a DMb* em 2003

70%

foram agredidas pelos companheiros

60%

das mulheres assassinadas em 2004 foram vítimas dos parceiros

Fonte: Instituto Povo Mulher

“NÃO QUERO MAIS BATER NELA”

Quatro homens que agrediam as companheiras contam à *Viva!* como os grupos de apoio os ajudaram a dominar a própria violência

Por Isabel Malzoni - imalzoni@abril.com.br

Após surrar a esposa pela terceira vez e perdê-la definitivamente, Mauro entrou por vontade própria numa delegacia. Com voz grossa, o segurança de 1,80 m contou sua história e pediu: “Não quero mais ser assim”. Foi encaminhado a uma instituição que orienta agressores. Nunca ouvira falar nesse tipo de lugar, mas arriscou.

Lá, sentou-se na mesma roda do ressabiado José. O pescador fora parar ali por determinação da Justiça. Um tapa no rosto levava a companheira a denunciá-lo. Ao lado, o microempresário Sérgio torcia para a indicação de seu terapeuta familiar funcionar. Talvez participar

daquele grupo salvasse o casamento de 20 anos, ameaçado por agressões cada vez mais assustadoras. Expectativa diferente à do vendedor Jean. O garotão charmoso comparecera por livre iniciativa, para frear a violência herdada do pai. Sugestão da então ex-namorada Ana... com quem reatou há quatro meses.

Quatro histórias que trilham diferentes caminhos, mas partindo de um único ponto: a violência doméstica. Ela atinge uma em cada cinco brasileiras e, no parecer dos especialistas, só terá solução quando tanto homens quanto mulheres conseguirem identificar e corrigir as atitudes que os levaram a tal ponto. Sim, é chocante dar-se conta de que as companheiras tam-

O amor prevaleceu

ELA: "Sempre julguei como fracas e dependentes as vítimas de violência que continuavam com os parceiros. Ao viver a situação na pele, entrei em conflito. Não bastava romper o namoro, pois Jean também sofria e não tinha como não me envolver com a história dele. Pedia para buscar ajuda e ele resistia. Na última briga, deixei meu rosto roxo. Terminamos e namoro de dois anos e ele finalmente foi se cuidar. Reatamos há quatro meses. Sim, sinto medo de ele voltar a ser agressivo, mas não vivo tensa. Mudar é difícil, mas, aos poucos, recuperamos a confiança mútua."

ELI: "Nos meses em que ficamos separados, fui para o Noos participar do grupo de homens. A princípio, pela Ana; eu tinha tirado sangue da boca daquela mulher e ela continuava tentando me ajudar. Mas já nas primeiras reuniões percebi que precisava fazer algo por mim mesmo. Entendi que minha insegurança e violência começaram na infância, vendo meu pai abusar sexualmente da minha irmã. Falo sobre isso porque já superei, disse para ele o que tinha engasgado e não carrega mais esse peso nas costas. Pedi que buscasse ajuda, mas ele não quis, não posso



JUNTOS DE NOVO Jean de Oliveira Lima, 26 anos, vendedor, e Ana Paula Gonçalves, 27, psicóloga

fazer nada. Já para mim quero uma relação saudável, casar, ter filhos. Agora pelo menos eu sei que, se uma relação não der certo, não será pela violência."

bém colaboram para tão grave quadro. Felizmente, ambos os sexos têm o poder de ajudar a mudá-lo. Mauro, José, Sérgio e Jean são prova disso. E contaram à **Viva!** como e por que criaram coragem para mudar (veja as depoimentos).

VIA DE MÃO DUPLA

"Não é produtivo enxergar a mulher sempre como vítima e o homem, como vilão. A violência surge da

dinâmica do casal", diz o terapeuta carioca Carlos Eduardo Zuma, que há 11 anos fundou, com mais três psicólogos, o Instituto Noos ("mente", em grego), uma das instituições visitadas pela nossa reportagem.

A terapeuta Eliane Messina, do grupo de agredidos do Noos, reforça: não existe uma vítima absoluta. "Todas admitem terem contribuído para o desgaste que levou à agressão, seja

com palavras, humilhações ou simplesmente por não impor os próprios limites. Isso, claro, não torna a violência justificável. A grande questão, porém, é reverter o processo", explica.

O MÉTODO

Como? Tirando a agressividade de ambas as partes envolvidas na relação. A metodologia é simples: 20 reuniões — uma por semana, de duas horas cada. O

Quando o fim vira recomeço

"Meu casamento estava em crise há dois anos. Fazíamos terapia de casal quando o psicólogo me convidou para o grupo do Noos. Antes de começar, tivemos uma discussão idiota. Puxei o cabelo dela e a empurrei. Nós nos separamos, mas, ainda na terapia, chegamos a namorar por um tempo. Um dia, o colégio do meu filho menor nos chamou para reclamar do comportamento dele. Minha ex ficou nervosa, responsabilizou-me por deixar todos doentes e acusou-me de ser agressivo. Não digo que não era, mas ela também não tentou entender meu mau momento. Descontrolado, virei uma jarra de suco nela. Meu medo de agredi-la era grande. Disse: 'Se matar você, eu me mato logo em seguida. Se jogá-la pela janela, pulo atrás'. Desde então não nos falamos mais. Logo passei a vir ao grupo e comecei a me reerguer. Sei que tive a minha participação nas brigas e hoje busco resolver esse descontrole. Faço terapia com meus filhos e também tenho uma nova namorada. Deus me livre brigar de novo!"



SÓ E FELIZ Sérgio Madalra, 48 anos, dono de popelana. Após 20 anos de casado, separou-se há sete meses

Especial

Ele a perdeu, mas não desiste

"Ficar desempregado e não ser compreendido pela minha esposa me transformaram noutra pessoa. O jeito como ela me tratava, gastava e nem se preocupava em controlar a natalidade, me tirava do sério. Passou a me humilhar, igual a minha sogra, que nunca aceitou o fato de eu ser negro. Perdi a paciência e bati nela. Aconteceu três vezes; eram socos de homem para homem, sabe? Pedi perdão, mas ela foi embora. Nisso fui à delegacia e me indicaram o Noos. Nas reuniões parei de me sentir um monstro e refleti sobre pontos complicados da minha vida, como a minha infância. Hoje, quando uma conversa me irrita, vou embora. A ajuda que me deram foi tão importante que quero criar uma ONG na favela para ajudar outros homens nessa situação. Todos nós queremos ajuda, mas não sabemos onde encontrar, ou tínhamos medo. Os agressores são tratados como bêbados e drogados, mas há quem ame a família e lute por ela. Quero levar essa mensagem adiante."



MENTADE DE AJUDAR Mauro Gomes, 42 anos, segurança náutico. Após 13 anos de casado, separou-se há um ano

número e o perfil dos participantes variam bastante. Na primeira reunião, firma-se um pacto de não-violência com os três facilitadores (terapeutas) do grupo. Em seguida, são escolhidos os temas que abordarão no decorrer do processo. A turma de Mauro, José, Sérgio e Jean quis começar pela espiritualidade. Depois, masculinidade, família...

O resultado parece bom. Quando deixam de frequentar o instituto, os agressores continuam sendo acompanhados durante seis meses. Esse período só não é maior porque os terapeutas do Noos trabalham voluntariamente e estão há três anos sem financiamento algum.

Segundo pesquisa da ONG, apenas 5% dos que passam por lá voltam a erguer a mão. Ou seja, tornam a se descontrolar diante de desemprego, dificuldades financeiras, humilhações e históricos de violência na família — as principais "gotas d'água" para o primeiro tapa. Quanto aos outros 95%? Aliviados, conquistam a paz.

>>Bater ainda é considerado "crime menor"!

Pelas leis brasileiras, a agressão doméstica é um crime de ofensa menor, por mais absurdo que pareça. Quando denunciado, o homem é obrigado a doar cestas básicas e olhe lá. "A punição não leva o agressor a readequar seu comportamento. Assim, com a mesma mulher ou com outra, volta a ser violento", avalia Márcia Salgado, coordenadora das DDMs do país. Para complicar, muitas vezes as agredidas desejam voltar com o ex. A agressividade é só uma das facetas dele que, claro, possui qualidades. A solução judicial falha com o casal, pois não estimula os envolvidos a entenderem como chegaram a esse extremo. Difícil, então, saber como se livrar dos motivos.

Para mudar isso, a Secretaria de Políticas para as Mulheres criou o projeto de lei de Não-Violência à Mulher (4.559/04). Se aprovado, resultará na primeira lei específica para o crime.

O projeto inclui a criação de Varas Especiais e o estabelecimento de penas específicas. Os condenados poderão ter seus fins de semana restringidos ou serem obrigados a participar de reuniões como as do Noos. Prisão só vale para flagrantes ou descumprimentos das penas citadas. Esperava-se que a nova lei fosse sancionada até 25 de novembro, Dia Internacional Contra a Violência à Mulher. Porém, o projeto ainda aguarda votação. Torçamos, agora, para que saia até 8 de março, Dia da Mulher.

Prontos para casar de novo

ELA: "Quando a juíza perguntou se eu queria o Zé preso ou doando cestas básicas, disse que não. Quería que ele fosse ajudado! Quando a primeira bateu — ele me deu um tapa na cara — está fora de si. Sei que não sou fácil, que provoquéi e também agredí com palavras. Aqui no Noos encontrei quem me escutasse, pois nem todos querem ouvir essas coisas. As pessoas só querem dizer o que você tem de fazer. Estou no grupo de mulheres para entender os meus limites. Hoje, vivemos uma amizade colorida! Temos uma filha e nos vemos sempre, como se tivéssemos voltado a namorar. Quando superamos essa fase quero casar de novo em uma igreja de frente para o mar."

ELI: "Não gostei de ter que ir às reuniões. Senti medo. É normal ter medo do diferente, né? Mas cavi



CHUVA DE PLANOIS Jose Fausto Costa e Silva, 32 anos, pescador, e Vilma Ribeiro da Silva, 41, instrumentadora elétrica. Separados, aos poucos se reaproximam

as histórias dos colegas e comecei a entender o que havia feito. Não tem justificativa, foi ignorante. Só não aceito essa história de que 'mulher é o sexo frágil'. Fracos somos nós, tanto que reagimos usando a força. Eu e Vilma estamos separados desde aquela briga e esse tempo está servindo para recuperarmos a segurança em nós mesmos. Agora, quando ela provoca, falto logo. Nem adianta, não vou entrar na sua". Quero rossego."